



Universidade
de e para
Catadoras e Catadores

UNICATA NOTÍCIAS

FEITO POR E PARA CATADORAS E CATADORES

Edição 2/2025



Módulo 3 - Turma Centcoop , Brasília DF, 2025

Seja bem-vindo à nova edição do Jornal da Unicata, a Universidade de e Para Catadores!

A UNICATA espera que você goste do jornal! Boa leitura!

Organização: Greice Martins, João Brito e Vanessa Cruvinel

Edição e diagramação: Thaynan Moraes e Greice Martins

Histórias, denúncias e transformações contados por quem vive a reciclagem todos os dias.



Nesta edição, catadoras e catadores investigam problemas, ouvem trabalhadores e contam histórias que fazem parte da realidade da reciclagem no Distrito Federal.

As reportagens percorrem a história da Cidade Estrutural e as transformações que vieram com o fechamento do antigo lixão, reunindo memórias de quem viveu e trabalhou naquele espaço e acompanhou a passagem para as cooperativas e os galpões de triagem. As trajetórias mostram avanços, mas também revelam desafios que continuam presentes na busca por trabalho digno, renda, reconhecimento e melhores condições de vida.

O jornal também entra no cotidiano das cooperativas. Os próprios trabalhadores registram problemas de infraestrutura, riscos de acidentes, falta de equipamentos de proteção e a presença de vidros, seringas e outros materiais perigosos entre os recicláveis. Ao mesmo tempo, discutem a importância da organização e da regularização das cooperativas para fortalecer direitos, autonomia e participação na cadeia da reciclagem.

As reportagens acompanham o caminho dos resíduos desde as casas, discutem a separação e a coleta seletiva, mostram o trabalho de mobilização realizado junto aos moradores e percorrem a Santa Luzia para registrar as condições de seis papa-lixos e ouvir a comunidade sobre os problemas encontrados.

Porque falar de resíduos sólidos é falar de pessoas, trabalho, saúde, território, e direitos.



UNICATA: a universidade que nasce das mãos de quem recicla

Conheça o projeto que forma catadoras e catadores como protagonistas do saber

Criada por quem recicla, para quem recicla

A UNICATA é a Universidade de e para catadoras e catadores de materiais recicláveis. É uma universidade criada com e para catadoras e catadores no Brasil, inspirada na educação popular de Paulo Freire. Fruto de um esforço colaborativo entre academia, organizações sociais e especialistas, a iniciativa nasceu para oferecer um espaço de aprendizagem contínuo e inclusivo que respeita o saber de quem vive a reciclagem.

Adotamos o modelo de ensino entre pares, no qual educadores acadêmicos e catadores co-criam e aplicam juntos cada módulo do curso. Essa abordagem une o rigor da pesquisa científica ao valor do conhecimento prático, permitindo que os participantes superem estereótipos e rompam barreiras históricas.

Objetivos da UNICATA

- Promover a transformação social por meio da educação popular;
- Incentivar processos para a melhoria de renda para as catadoras e catadores de materiais recicláveis;
- Cultivar reflexões críticas por meio de espaços inclusivos de formação;
- Promover novas formas de aprendizagem por meio da pesquisa comunitária;
- Construir conteúdos curriculares inclusivos, inovadores e flexíveis, pautados em saberes populares, acadêmicos e nas necessidades da realidade vivida;
- Facilitar o acesso a políticas públicas relacionadas à atuação das catadoras e catadores, para reflexões críticas;
- Expandir a UNICATA para outros locais, permitindo o acesso a mais catadoras e catadores.

LINHA DO TEMPO DA UNICATA





A cidade que nasceu da necessidade e cresceu na luta!

Por Maria Eliane Moreira, Lorrane de Jesus Ferreira e Pablo Vinícius Ferreira de Santana



03

Nascida do Trabalho de catadores no maior lixão da América Latina, a comunidade do DF celebra a trajetória de resistência e luta dos moradores da Cidade Estrutural pela garantia de seus direitos, desde à década de 1970.

A Região Administrativa da Estrutural (RA XXVI) celebra, em 2025, 21 anos de sua criação oficial, mas sua história é muito mais antiga e está profundamente entrelaçada com a própria história da gestão de resíduos e da luta por moradia no Distrito Federal. Nascida de uma ocupação formada por catadores de lixo que trabalhavam no extinto Lixão da Estrutural, a comunidade simboliza resistência, transformação e a busca inessante por cidadania.

As raízes da Estrutural estão na década de 1960, logo após a implantação do depósito de lixo instalado às margens da EPIA. Trabalhadores atraídos pela possibilidade de sustento começaram a erguer os primeiros barracos nas proximidades, uma solução prática para não enfrentar as longas viagens diárias.

Essas habitações precárias deram o pontapé inicial no que era, à época, uma área de preservação.

O crescimento, no entanto, se intensificou na década de 1990. A “Invasão da Estrutural”, como ficou conhecida, expandiu-se rapidamente, enfrentando tentativas de remoção por parte do poder público, com constantes ações de derrubadas da casa das pessoas, muitas vezes de forma violenta e com o uso de forças policiais. A comunidade se consolidou à sombra do aterro, formando um tecido urbano complexo e uma identidade própria, centrada no trabalho de milhares de famílias que tiravam do lixo o seu sustento.

A virada histórica veio em janeiro de 2004. Após décadas de invisibilidade e estigma, a Lei nº 3.315 criou o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA) e transformou a Vila Estrutural na sede da Região Administrativa XXVI, conferindo, enfim, o status oficial e o direito a políticas públicas.

Essa oficialização foi mais do que um ato burocrático. Foi o reconhecimento de que nós existimos, trabalhamos e construímos uma comunidade aqui-, afirma Maria de Jesus, catadora e moradora da Estrutural há 23 anos. -Passamos de “invasores” a cidadãos de uma RA. A luta agora é por infraestrutura, saúde, educação e pela memória do nosso povo-.



“Quando o lixão fechou, eu fui trabalhar no galpão pela primeira vez e pensei “vou passar fome”

[Maria de Jesus]

O lixão da Estrutural foi fechado definitivamente em 20 de janeiro de 2018. Naquele dia, o governador do Distrito Federal, Rodrigo Rollemberg, trancou as portas do aterro controlado do Jockey, conhecido como lixão. A medida encerrou décadas de atividades no local e passou a encaminhar o lixo da cidade para o Aterro Sanitário de Samambaia.

Maria fala ainda sobre esse marco: - Quando o lixão fechou, eu fui trabalhar no galpão pela primeira vez e pensei “vou passar fome”. A renda caiu muito, porque o Lixão gerava muita renda e emprego pro pessoal aqui da Estrutural. O Comércio também ficou muito fraco, porque os trabalhadores do Lixão gastavam seu dinheiro na cidade-. Maria continua: “Mas agora posso falar que pra mim melhorou. Minha filha formou e as coisas melhoraram um pouco mais.



(Maria Lúcia)

Conversamos também com Maria Lúcia, moradora da Cidade Estrutural há 30 anos. Ela conta que chegou no início da invasão em busca de uma moradia própria e que passou por muitas situações de conflito com o GDF. Maria Lúcia acompanhou de perto a evolução da cidade: - Quando eu cheguei, era só terra, barraco de lona. Hoje tá diferente. Tem água encanada. Na época que cheguei era cisterna e caminhão-pipa-.

A celebração dos 21 anos ocorre em um momento de transição para a região. O fechamento do lixão em 2018 abriu um novo capítulo, desafiando a comunidade a se reinventar economicamente, enquanto carrega o legado e as marcas de ter crescido em volta da maior montanha de lixo do país.



(Antes e depois do Lixão da Estrutural)

A grande mudança: do Lixão para o Aterro Sanitário

Por Mauro Junior, Andrea de Oliveira, María Félix, Nazaré Pereira, Patrick Galvão e Edson Marinho

Após mais de seis décadas em operação, o Aterro do Jóquei, conhecido popularmente como "Lixão da Estrutural", foi oficialmente fechado no início de 2018, marcando o fim de uma das maiores e mais simbólicas áreas de descarte irregular de resíduos da América Latina. Localizado a menos de 20 km da Esplanada dos Ministérios, o local chegou a receber cerca de 3 mil toneladas de lixo por dia, acumulando um passivo ambiental e social que ainda desafia o Distrito Federal.

Com uma área equivalente a mais de 70 campos de futebol, o aterro surgiu na década de 1950, antes mesmo da inauguração de Brasília. Ao longo dos anos, formou-se ao seu redor uma comunidade de catadores que dependiam economicamente da reciclagem informal, em condições de trabalho precárias e insalubres. Estima-se que, no auge, cerca de 2 mil pessoas trabalhavam diariamente no local, em meio a riscos de contaminação, acidentes e conflitos com máquinas.

"Ali eu pude ver acidentes, pude ver pessoas sendo atropeladas por tratores ou carretas"

Edson

O catador, e hoje cooperado Edson Marinho compartilhou o seu relato sobre o período em que trabalhou no local.



Edson Marinho

Eu morava em Planaltina, lá não tinha muito serviço e por convite do meu cunhado, que já trabalhava no lixão, em 1996 eu também vim.

Edson relata que o trabalho no lixão envolvia diversos tipos de materiais: -Pet, papelão, sucatas, revista branca, de tudo um pouco...

O grande contingente de trabalhadores e a condições precárias no qual o serviço era feito proporcionaram à Edson experienciar diversos acidentes e conflitos entre os catadores que trabalhavam no local: "Ali eu pude ver acidentes, pude ver pessoas sendo atropeladas por tratores ou carretas(...) Colega meu já foi assassinado lá".



Outro personagem dessa história é seu Robson, servidor do Serviço de Limpeza Urbana -SLU, que trabalhou no lixão durante 33 anos.

Nascido no Rio de Janeiro, cidade popularmente conhecida pelos altos índices de violência, seu Robson afirma nunca ter visto tanta violência como a que ele presenciou enquanto trabalhava no lixão: “Vi muita coisa ali. Homicídio, criança queimada... Já tive que correr muitas vezes por causa de tiro, fui ameaçado de morte duas vezes por estar fazendo meu serviço, mas, graças a Deus, estou aí!”

Seu Robson também compartilhou um pouco de como era a atuação do SLU dentro do lixão:

“Nós fazíamos de tudo pra melhorar a situação dos trabalhadores ali. Servimos lanche, não deixávamos faltar nada pros catadores que estavam ali.(...) Mas como era um ambiente perigoso, e tinha gente que preferia fazer outras coisas, coisas ilegais, muitas vezes a gente tinha que fazer vista grossa.”

Robson

Ao ser perguntado sobre as condições do gerenciamento dos resíduos sólidos após o fechamento do lixão, seu Robson destacou que houveram melhorias após a instauração da coleta seletiva, mas que muita coisa ainda precisa melhorar:



"Eu sei que é muito difícil melhorar 100%, não só aqui em Brasília, mas como em qualquer outro estado. Mas aqui falta pouco. É muita gente em casa e as pessoas não querem ter o trabalho de separar o lixo."

Robson

Fechando lixões sem abrir portas

Bruna Alves, Brenda Alves, Daniela Alves, Josilene da Conceição, Maria Vanderly Silva e Josimara da Conceição

Da Política Nacional de Resíduos Sólidos- PNRS ao fechamento de lixões como o da Estrutural, avanços legais e desafios práticos marcaram a luta por direitos e dignidade para esses agentes fundamentais da reciclagem.

O cenário dos resíduos sólidos no Brasil vem passando por uma transformação estrutural, impulsionada por marcos legais e intervenções judiciais que têm como foco central a figura do catador de materiais recicláveis. Longe de serem meros "coletores informais", hoje esses trabalhadores são reconhecidos pela lei como agentes ambientais essenciais. A trajetória dessa mudança tem como base a Lei 12.305/2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), um divisor de águas ao reconhecer oficialmente a profissão de catador.



Tendas improvisadas ainda são usadas pelas cooperativas para a separação dos resíduos. Foto acervo pessoal

A PNRS estabelece que os catadores devem ser priorizados nos sistemas de coleta seletiva e logística reversa. Este arcabouço legal é complementado pela lei 11.445/2007 (Saneamento Básico), que reforça sua inclusão nos serviços de limpeza urbana, e pelo Decreto 7.404/2010, que detalha a necessidade de organização dos catadores em cooperativas ou associações, com acesso a capacitação e infraestrutura.

O caso Estrutural: Do Lixão à Política Pública

O maior exemplo prático dos desafios e das mudanças exigidas pela lei ocorreu no Distrito Federal. O Lixão da Estrutural, um dos maiores da América Latina, foi oficialmente fechado em 2018, após uma determinação judicial do TJDF de 2007, atendendo à uma ação do Ministério Público e aos prazos da própria PNRS. Os motivos foram graves: danos ambientais irreparáveis, poluição e condições de trabalho brutais e insalubres para milhares de catadores.



O fechamento, porém, trouxe à tona a necessidade urgente de políticas públicas de transição. Em resposta, o Governo do Distrito Federal (GDF) implementou um pacote de medidas, entre elas, a criação do complexo de reciclagem em 2020.

A lista de medidas para a inclusão socioprodutiva dos catadores incluíam, portanto:

- Criação de galpões de triagem para receber o material de forma estruturada.
- Implementação de uma bolsa auxílio para os trabalhadores durante o período de transição.
- Ampliação da coleta seletiva porta a porta (feita pelas próprias cooperativas) em 16 regiões administrativas.

Entretanto, tais benefícios não alcançaram grande parte dos catadores. O incentivo financeiro anunciado foi o Bolsa Catador, criada para auxiliar na complementação de renda dos cooperados durante a implantação do complexo. O valor oferecido, no entanto, era de apenas duzentos reais, quantia baixa, que se mostrou ainda mais insuficiente no contexto da pandemia.

O fechamento do Lixão da Estrutural ocorreu em 2018 e representou um marco simbólico na política ambiental e urbana do Distrito

De acordo com Josimara Batista, catadora da Cooperlivre, a cooperativa iniciou suas atividades no complexo em 2023, operando provisoriamente em uma tenda, sem infraestrutura básica e com os trabalhadores em pé. A terceira esteira de triagem foi recebida e instalada somente em dezembro de 2025, marcando o momento em que, finalmente, as cooperativas passaram a operar dentro do galpão destinado à triagem.



Entre avanços e desafios contínuos

Especialistas apontam que, apesar dos avanços legais e das iniciativas pontuais, a plena inclusão dos catadores ainda é um caminho em construção. "A lei é clara e pioneira, mas sua implementação é desigual pelo país. O caso do DF mostra que é possível fazer a transição, mas ela exige investimento constante, capacitação e, acima de tudo, a garantia de que os catadores organizados tenham acesso real ao material reciclável coletado", analisa Greice Martins, pesquisadora em Gestão de Resíduos.

A mudança é profunda: de trabalhadores à margem, em condições degradantes, os catadores devem se tornar empreendedores da reciclagem, integrados a uma cadeia econômica formal e sustentável. O fechamento do Lixão da Estrutural simboliza o fim de uma era de exclusão, mas também o início de um desafio maior: garantir que os direitos previstos na lei se traduzam em melhoria concreta de vida, renda digna e respeito ao trabalho desses profissionais que são, comprovadamente, a espinha dorsal da reciclagem no Brasil. A sociedade e o poder público têm o dever de não apenas fechar lixões, mas de abrir portas.

“[...] avançar para uma economia circular exige participação ativa do público na gestão dos resíduos e pré-separação dos resíduos em casa.”

Doris Knickmeyer

A voz do catador

Por Lucia Tavares, Cristiane Araujo, Alessandra Alves, Italo Fernandes, Simone Keytt e Hellen Fernandes

Todos os dias, enquanto a cidade dorme, um exército silencioso inicia seu trabalho. São homens e mulheres que transformam o que foi descartado por muitos em fonte de sustento para suas famílias e em esperança para o nosso planeta. Esta é a história dos catadores de materiais recicláveis, os agentes ambientais invisíveis da nossa sociedade.

Enquanto a cidade celebra os índices de reciclagem, uma realidade cruel se esconde nos galpões onde catadores de materiais recicláveis trabalham. Ambientes desorganizados, sem equipamentos de segurança e com mistura de resíduos perigosos transformam o trabalho desses profissionais em uma atividade de alto risco.

“O serviço de catador é fundamental, porque ajuda a muitas pessoas saírem do desemprego”. A fala do catador, que não foi identificado, diz respeito à um dos caracteres principais da PNRS, a compreensão do resíduo sólido como ativo econômico e capaz de promover a inserção produtiva dos catadores à partir da sua logística reversa. “Com o fechamento do lixão, viemos trabalhar aqui, é uma ajuda muito grande para as pessoas que estão desempregadas, é um serviço digno” apesar disso o entrevistado reclama do salário: - o salário eu não acho bom não, tem gente que ganha mais que um salário, tem gente que ganha menos.

Apesar de ser uma atividade extremamente importante, as dificuldades relacionadas ao ofício do catador estão extremamente presentes na realização da sua atividade, algumas delas foram expostas por nossa reportagem.



Espaço onde os resíduos são triados. Pode-se notar o acúmulo de material de maneira desorganizada

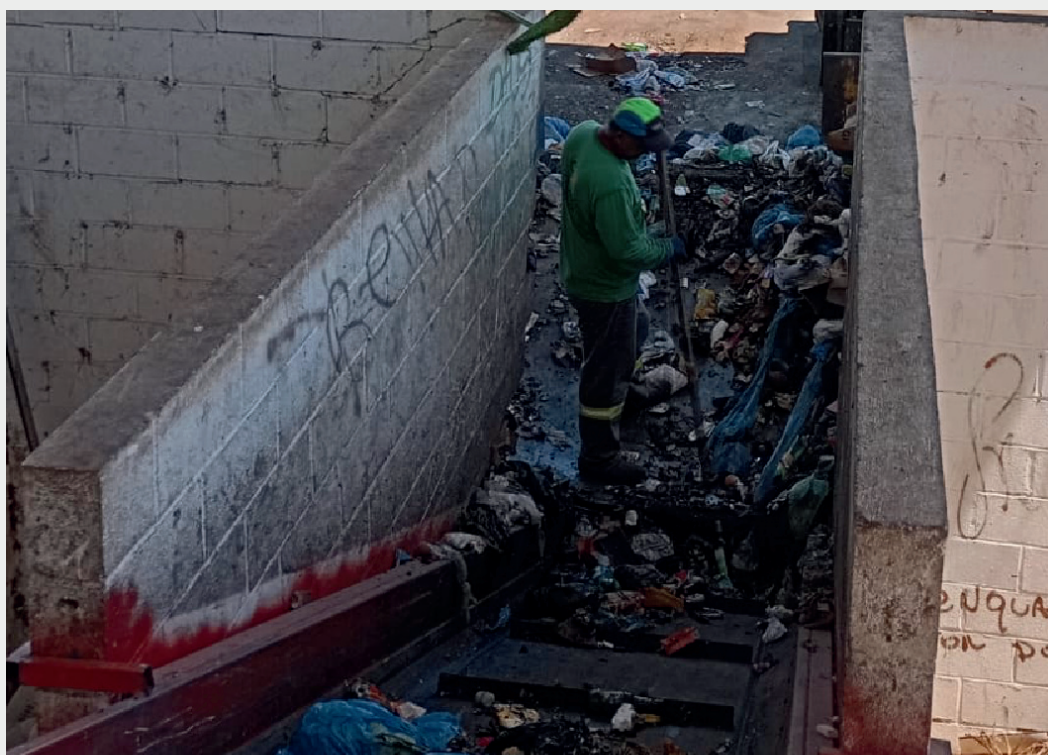
Diariamente, os catadores enfrentam uma ameaça invisível: o contato direto com resíduos perigosos que ultrapassam os limites da reciclagem e se tornam riscos concretos à sua saúde. Em seus depoimentos, os trabalhadores relatam encontrar, misturados aos materiais reaproveitáveis, objetos que representam perigo imediato, como agulhas de seringas, carcaças de animais em decomposição e cacos de vidro afiados. Esses rejeitos, que deveriam ter outro destino, agravam ainda mais um cenário já marcado pela insalubridade, transformando a linha de triagem em uma zona de risco constante.



Coleta seletiva contendo podas de árvore e restos de alimentos

Somada à baixa e o perigo apresentado pelo material que chega para a triagem, está a falta de Equipamentos de Proteção Individual EPI's para o uso diário dos catadores. Os EPI's são fundamentais para que os catadores possam realizar a separação dos resíduos de uma maneira segura, mantendo o mínimo de contato direto com o material.

Em entrevista à equipe, Divino Jose de Moraes, cooperado da Coopernoes, salientou a importância da utilização dos EPI's na garantia da segurança dos trabalhadores: - É uma segurança pra gente. Além disso, Divino reforça a importância do trabalho do catador, como um trabalho essencial para a sociedade.



Cooperado realizando o despejo do material nas esteiras sem estar utilizando os EPI's. Muitas vezes falta EPI suficiente para todos.

Denúncia: Falta de manutenção e prevenção de acidentes de trabalho

Por Antônia da Rocha, Marcionília de Jesus, Maria Silva; Maria da Cunha

No dia 15 de agosto de 2025, a cooperada Antônia caiu em um bueiro que estava sem tampa: - Eu vinha andando à noite e não dei fé do buraco, acabei caindo.- Relata, Antônia.

A catadora também cobra a Centcoop para que sejam feitos os reparos necessários na melhoria da estrutura do complexo.

Não é preciso procurar muito para encontrar partes da estrutura que estão danificadas, entre elas, bueiros destampados - alguns deles com até 6m de profundidade -, tomadas deterioradas, buracos no forro do teto, janelas quebradas, entre outros sinais de má conservação do prédio, colocando em risco os trabalhadores e outras pessoas que ali frequentam.



Bueiros da cooperativa sem tampa localizados em pontos de passagem dos trabalhadores



Caixa de manutenção da esteira com bueiros abertos no local e com lixo acumulado pela queda dos materiais



(As vidraças da janela ao lado da esteira estão completamente deterioradas. Há um risco iminente de quedas. Maria elizabeth conta que presenciou incidentes envolvendo alguns colegas quase caindo de uma altura de 2m)



(Forro do banheiro feminino caindo)

Os banheiros também carecem de manutenção. A maior parte do forro do teto desabou e muitos chuveiros e torneiras não funcionam.

A cooperada, Maria Elizabeth, relata os riscos de queda no nos locais perto das esteiras.

Ali é muito perigoso para a gente trabalhar, as condições acabam adoecendo a gente. Muitas vezes eu já fiquei com dor de cabeça por causa da chuva e da friagem que a gente pega ali em cima.

Elizabeth também relata um episódio em que um colega quase caiu da plataforma: - O colega, que também trabalhava à noite, veio trabalhar com a gente. Ele sentou na cadeira e acabou dormindo. A cadeira escorregou e ele ia caindo no buraco lá em baixo, nós fomos correndo pra segurar a cadeira-.

“Quando chove, os cooperados se molham todos(...) Ali é muito perigoso para a gente trabalhar, as condições acabam adoecendo a gente”.

Elizabeth

Aline Sousa, representante do Movimento Nacional dos Catadores e ex-presidente da Centcoop, em entrevista, orientou como os cooperados devem agir quando se depararem com equipamentos e estruturas que possam colocar em risco a segurança e saúde dos cooperados e das demais pessoas que frequentam o local: - Acredito que medidas podem ser tomadas para evitar esses acidentes, entre elas, vistorias no ambiente de trabalho, para que a gente possa identificar os potenciais riscos que estão sujeitos não só os cooperados, mas também visitantes(...)É preciso acionar a centcoop para tomar as devidas medidas de coreção(...).

Aline também falou à respeito dos casos de cooperados que sofreram descargas elétricas no local: - Também é importante promover treinamentos para que os cooperados possam mexer nos aparelhos com segurança e não acessem áreas de risco elétrico(...) É muito importante que tenha sinalização indicando para as pessoas não se aproximarem dessas áreas.- e também reforçou a importância da presença de um profissional fiscal de segurança do trabalho: - É importante que tenha em cada complexo um profissional responsável por fiscalizar a segurança dos cooperados, que ajude na prevenção dos acidentes e reporte imediatamente a situação da centcoop.



“É importante que tenha em cada complexo um profissional responsável por fiscalizar a segurança dos cooperados, que ajude na prevenção dos acidentes e reporte imediatamente a situação à Centcoop.”

Aline Sousa, ex-presidente da Centcoop

Manuseio e Prevenção de Acidentes com os Resíduos Perfuro-cortantes

Por Gleiciane Monte, Nivea Cruz, Maria Conceição e William Souza

A catadora Nivea Souza Cruz, cooperada da cooperativa Reciclo, estava realizando a triagem do material quando, inesperadamente, cortou sua mão com pedaços de vidro que estavam dentro de uma sacola: -Eu esta trabalhando na cooperativa Reciclo de separação, aí abri um saco e tinha uma garrafa quebrada e mesmo usando luvas, me cortei. Aí eu não queria ir ao hospital, mas mesmo assim minha mãe mandou eu ir. Minha irmã, que era a presidente, me levou; chegando lá fui e levei três pontos-.

O acontecimento não foi algo isolado, os acidentes com pedaços de vidro acontecem constantemente durante a triagem dos resíduos.

A catadora Débora Ketlem, de apenas 18 anos, passou por uma situação parecida: - Na minha cooperativa os vidros são armazenados nas bags, eu estava passando quando não observei e acabei pisando em caco que estava no chão, ele penetrou meu tênis e perfurou meu tênis.- conta a cooperada, que quando perguntada a respeito do tratamento afirmou:- Não fui ao médico, mas tive que ficar dois dias em casa fazendo curativo-.

“[...] aí abri uma sacola e tinha uma garrafa quebrada. Mesmo com a luva cortei o dedo.”



(Vidros são depositados e armazenados no local até que a empresa responsável busque o carregamento. É possível observar que muitos desses cacos quebrados estão espalhados no chão, com altas chances de causar acidentes.)

A separação adequada do vidro protege os trabalhadores dos resíduos sólidos e permite a reciclagem completa do material.

Em um acidente doméstico comum, uma taça ou uma janela se quebra. A reação imediata, muitas vezes, é juntar os cacos em um jornal ou saco plástico qualquer e descartá-lo no lixo comum. No entanto, essa prática aparentemente inocente esconde riscos sérios e desperdiça um material 100% reciclável. Especialistas e cooperados de reciclagem reforçam a importância crucial de se descartar o vidro quebrado de maneira segura e correta.

O principal motivo é a segurança. Fragmentos de vidro podem rasgar sacos plásticos comuns, ferindo gravemente os trabalhadores da limpeza urbana, garis e catadores de materiais recicláveis, que manuseiam o lixo manualmente. Um corte profundo pode significar afastamento do trabalho, infecções e, em casos extremos, a perda da capacidade laboral.



Recebemos relatos constantes de colegas que se cortam com o vidro misturado ao lixo orgânico ou ao material reciclável seco-, afirma Maria do Socorro, coordenadora da cooperativa capital. - Quando o vidro quebrado chega a esteira de triagem, o risco de acidente é altíssimo. Um simples gesto de embalar o material de forma segura em casa, pode evitar uma tragédia-, alerta.

Além do fator humano, existe a questão ambiental e econômica. O vidro é um dos materiais com maior potencial de reciclagem infinita, podendo ser refundido inúmeras vezes sem perder a qualidade. Quando descartado corretamente e separado por cores (transparente, âmbar e verde), seu valor de mercado para as indústrias de reutilização é ainda maior. Por outro lado, quando contaminado com outros resíduos ou quebrados em pedaços minúsculos misturados à terra, torna-se impossível de ser reciclado, indo parar em aterros sanitários onde levará mais de 4.000 anos para se decompor.



Os catadores Gleiciane Barros Monte, Nívea Souza Cruz, Maria da Penha Conceição e William Matias Souza trabalham diariamente na Cooperativa Reciclo, localizada na Cidade Estrutural, DF. Eles estão expostos diariamente aos riscos de acidente pela presença de materiais separados de forma incorreta.

Como fazer o descarte do vidro corretamente?

1

Reúna com cuidado: Varra ou junte os pedaços maiores com uma pá de lixo, sempre olhando atentamente para os fragmentos menores.

Embalagem segura: Utilize um recipiente rígido e resistente, como uma caixa de papelão, pote de sorvete ou margarina. Cole ou feche bem a embalagem.

2

4

Destino final: Não coloque no lixo reciclável comum (a menos que o serviço de coleta seletiva de sua cidade tenha uma orientação específica para isso). Verifique se há ponto de entrega ou descarte em lixo comum

Identifique claramente: Escreva com uma caneta marcante na embalagem: "VIDRO QUEBRADO - CUIDADO!". Isso alerta todos que manusearem o pacote.

3

Como fazer o descarte corretamente?

A importância da regularização das cooperativas de reciclagem

Por Leida Maria Silva Santos, Luiza Santos Rodrigues e Aline Rodrigues

A regularização das cooperativas de reciclagem é um dos pilares para garantir direitos, acessos a benefícios, participação em políticas públicas e reconhecimento institucional. Em um contexto onde muitas cooperativas enfrentam precarização, informalidade e dificuldades para acessar editais e contratos, a formalização torna-se ferramenta estratégica de fortalecimento coletivo e proteção trabalhista.

Nesta entrevista, dirigentes da Rede CENTCOOP, Alex Pereira e Lúcia Fernandes, explicam, a partir de sua experiência, por que a organização documental, fiscal e jurídica são decisivas para o funcionamento, segurança e desenvolvimento das cooperativas e de seus cooperados.



Lúcia Fernandes, presidenta da CENTCOOP

O que define uma cooperativa bem estruturada ?

Cooperativa estruturada é aquela com documentação organizada, registros atualizados, contribuições do INSS em dia e certidões negativas validas. Sem isso, a cooperativa não acessa editais, contratos ou benefícios.

Organização interna + regularidade fiscal + regularidade previdenciária = base da estrutura

A regularização garante apoio jurídico e atuação dentro da lei. Mesmo que a rede proteja seu próprio CNPJ, a cooperativa precisa ter seu advogado para orientar, prevenir e resolver litígios. Ter acessoria e documentação correta reduz riscos legais.



Alex Pereira, diretor comercial da CENTCOOP



Além disso, uma cooperativa bem estruturada é aquela que oferece um espaço físico adequado, equipamentos necessários, pessoas comprometidas e condições dignas de trabalho. Para ser considerada estruturada, a cooperativa deve garantir que os ganhos dos cooperados estejam acima do salário local, proporcionando qualidade de vida.

Por que é importante estar regularizado como uma rede de cooperativas ?

A filiação fortalece a representatividade. Cooperativas isoladas tem pouca força; unidas em rede conseguem negociar melhor, disputar contratos, acessar políticas públicas e ampliar oportunidades. A rede aumenta a visibilidade e o poder de articulação.

Quais os benefícios que a formalização traz para os cooperados ?

A formalização assegura que os cooperados trabalhem em um ambiente seguro e organizado. Garante recolhimento adequado ao INSS, EPI's, condições de trabalho e outros benefícios internos definidos pela própria cooperativa. A regularização também traz segurança no exercício da atividade profissional, além de proteção social e previdenciária.

Qual é o papel dos cooperados no desenvolvimento local ?

O papel dos cooperados é fundamental. Eles representam a cooperativa dentro da comunidade, mostrando sua presença e importância no território. Muitas vezes, a comunidade nem sabe que há uma cooperativa atuando no local, mas a convivência e a interação com os cooperados ajudam a divulgar e fortalecer o reconhecimento da entidade. Quando um cooperado conversa com um vizinho, que conversa com outra pessoa, a cooperativa se torna conhecida, valorizada e integrada ao desenvolvimento local. **O cooperado é, portanto, um agente essencial de fortalecimento comunitário**



Separar pra quê?

Romenia Maria e Cristina Ribeiro



Reciclar não é apenas um hábito ambiental, mas um compromisso com o futuro.

VAMOS JUNTOS?

A reciclagem é uma das práticas mais eficazes para reduzir a poluição, economizar recursos naturais e evitar que toneladas de resíduos sejam enviadas diariamente para aterros e lixões. Em todo o país, cooperativas de catadores desempenham um papel central nesse processo, mas o primeiro passo depende de cada morador: separar corretamente o lixo dentro de casa.

Quando as pessoas aprendem a separar o lixo corretamente, contribuem diretamente para a preservação da natureza, para a redução da poluição do solo, da água e do ar, e para a proteção da vida animal.



BRASIL: PRODUÇÃO ALTA, RECICLAGEM BAIXA

Dados apontam uma realidade preocupante.

Segundo a Abrelpe (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais) da brasileiro gerou 1,04 kg de lixo por dia em 2022: um total aproximado de 77,1 milhões de toneladas de resíduos urbanos naquele ano, mas apenas 4% dos resíduos sólidos urbanos são reciclados

Por outro lado, o avanço da coleta seletiva aparece como um ponto positivo: 60,5% dos municípios possuem algum sistema de coleta seletiva (IBGE).

Apesar disso, a separação incorreta ainda é comum. Muitas cidades têm coleta seletiva, mas grande parte da população mistura resíduos recicláveis, orgânicos e rejeitos, dificultando o trabalho das cooperativas.



TRANSFORMAR EM NOVO

A reciclagem permite transformar materiais descartados em novos produtos, evitando o desperdício de recursos, diminuindo a poluição e a disseminação de doenças. Em outras palavras: cada embalagem separada adequadamente representa menos lixo no solo, na água e no ar.

“RECICLAGEM DE MATERIAIS ECONOMIZA ENERGIA E RECURSOS NATURAIS E GERA TRABALHO E RENDA PARA A CADEIA DE RECICLAGEM.”

Os catadores são fundamentais para que o ciclo da reciclagem aconteça. Eles recebem, separam e encaminham os resíduos para o destino correto. Quando a população faz a separação prévia, o trabalho se torna mais eficiente e seguro. “Separar corretamente o lixo facilita o trabalho dos catadores e cooperativas, encaminhando os resíduos para o destino adequado: reciclagem, compostagem ou rejeito.”

E esse reconhecimento é essencial: a profissão dos catadores sustenta boa parte do sistema de reciclagem no Brasil, mesmo que o país ainda recicle pouco em relação ao que produz.



O SEGREDO SOMBRIO DA COLETA SELETIVA

POR NILVA MUNIZ, DEBORA ALVES, KETHLEEN BARBOSA

O QUE CHEGA ÀS VEZES NÃO É RESÍDUO

Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, a jornada de uma embalagem reciclável não termina quando ela é colocada no cesto de coleta seletiva. Seu destino mais crítico é, na verdade, o centro de triagem, onde catadores e cooperados realizam a separação manual e a preparação dos materiais para a indústria da reciclagem. É nessa etapa que se revela um grande obstáculo para a cadeia: a péssima condição em que a maioria dos resíduos chega.



podas de árvore, entulho e outros materiais que não podem ser reciclados
foto: autoria própria

Quando materiais recicláveis chegam misturados com rejeitos ou resíduos inadequados, o problema não desaparece depois que o caminhão faz a coleta. Ele chega até quem trabalha na triagem. Por isso, a separação feita nas casas e estabelecimentos interfere diretamente no trabalho realizado pelas cooperativas e no aproveitamento dos materiais.

Mas como melhorar essa separação antes que os resíduos cheguem à cooperativa? Uma das estratégias é conversar diretamente com a população.

Quando a separação não acontece corretamente, são os trabalhadores das cooperativas que encontram o problema na outra ponta do caminho.

Restos de alimentos, materiais sujos, vidros e outros rejeitos misturados aos recicláveis precisam ser identificados e separados durante a triagem. Além de dificultar o trabalho, essa mistura pode contaminar materiais que poderiam ser aproveitados e aumentar a quantidade de resíduos que acaba descartada como rejeito.



Informação de porta em porta

É nesse trabalho que atua o mobilizador, profissional que faz a aproximação entre a coleta seletiva e os moradores. Ele visita a comunidade, conversa com a população e orienta sobre como separar e disponibilizar os materiais para a coleta. Esse contato também permite identificar dúvidas e dificuldades encontradas pelos moradores.

A equipe entrevistou Ítalo, mobilizador que atua no Cruzeiro, DF, para conhecer como acontece esse trabalho no dia a dia. Segundo ele, a recepção dos moradores varia bastante. Há pessoas que já conhecem o trabalho e recebem bem as visitas:

“Alguns moradores já esperam a gente até com um cafezinho na porta. Em outras casas, porém, a conversa nem chega a acontecer.”

A coleta seletiva começa na casa do morador, mas seus efeitos chegam até as mãos de quem trabalha na triagem.

Papa lixo?

por Ana Kledja Costa e Wesley Braga

A INCRÍVEL HISTÓRIA DO PAPA-LIXO QUE NÃO PAPA O LIXO



Papa-lixo 1- Muito lixo fora em volta do papa lixo, restos de árvores, entulho, falta um papa entulho para que haja espaço para depositar restos de obra e árvores. Além disso, pode-se perceber o acúmulo de água perto do papa-lixo, gerando um ambiente propício para a proliferação de doenças.

Santa Luzia convive com lixo nas ruas e moradores cobram melhorias na coleta

Equipe visitou seis papa-lixos da região e registrou as condições encontradas. Moradores relatam dificuldades para descartar os resíduos e esperam que as mudanças de infraestrutura previstas para a comunidade também tragam melhorias na coleta.

Segundo os moradores, os equipamentos disponíveis nem sempre são suficientes para receber a quantidade de resíduos produzida pela comunidade. Em alguns locais, o lixo acaba acumulado fora dos papa-lixos e nas ruas. Uma moradora relata que a situação leva a população a buscar outras formas de descarte

“Aqui na Santa Luzia nós nos preocupamos muito com a maneira que o nosso lixo é tratado. Nós mesmos precisamos queimar ou ir até um dos poucos papa-lixo.”

Ana

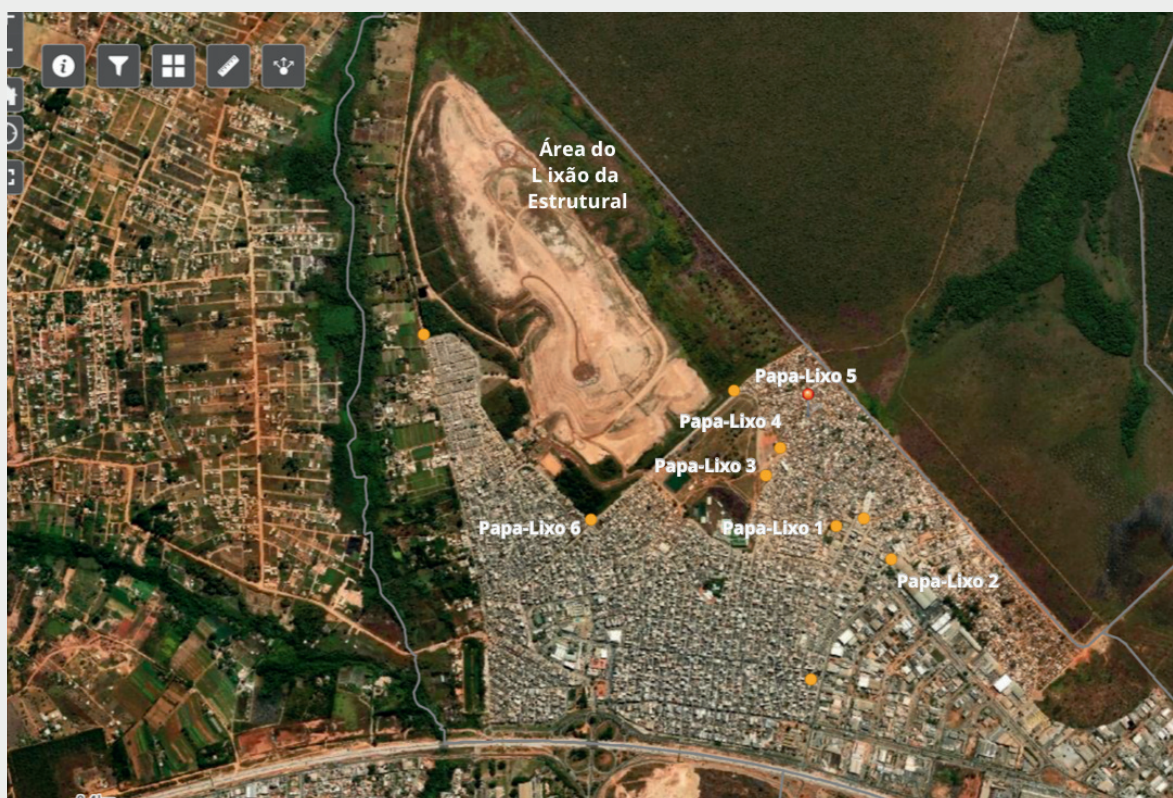
Lixo também é uma questão de saúde

A equipe conversou com Edilson Figueiredo, presidente da Associação dos Moradores do Bairro Santa Luzia, que relacionou o problema dos resíduos às condições de infraestrutura e à qualidade de vida da população.

Segundo Edilson, a associação foi criada para buscar melhorias para a comunidade. Ele relata que a Santa Luzia enfrenta historicamente problemas relacionados ao acesso à água, energia, pavimentação e coleta de resíduos.

Edilson afirma que a associação pretende buscar, junto à administração pública, a entrada do caminhão de coleta nas ruas da comunidade. Para ele, somente os papa-lixos não conseguem atender à demanda existente. A proposta defendida pelo representante é que a coleta passe a ocorrer dentro das ruas, evitando que os moradores precisem concentrar os resíduos em poucos pontos. Ele também destaca a necessidade de pensar na separação de materiais como resíduos orgânicos, papelão e vidro.

Para compreender melhor a situação, a equipe percorreu seis locais utilizados para o descarte de resíduos na Santa Luzia, conforme o mapa abaixo.





Papa lixo?

O levantamento mostra a situação encontrada pelos próprios moradores. A pergunta que fica é:
Como garantir uma coleta de resíduos que acompanhe as melhorias de infraestrutura previstas para a Santa Luzia?



Papa-lixo 2 : Muito lixo fora do papa-lixo, vidro, resto de materiais de construção e sucata



Papa-lixo 3: O papa lixo se encontra danificado.



Papa-lixo 4: Muito lixo e entulho em volta. Ele também estava cheio de lixo



Papa-lixo 5: Papa-lixo recém instalado para substituir o que havia sido queimado.



Papa-lixo 6: Roupas jogadas fora, além da presença de muito entulho.

A força que nasce do Lixo: histórias reais de transformação

Vania Dias Pereira e Eduarda Alves de Oliveira

A realidade dos catadores de materiais recicláveis do Distrito Federal revela histórias marcadas por sofrimento, superação e esperança. Nesta reportagem, três trabalhadores, Marilene Dias Pereira, Francisco Eliézio Manço e Ronei Alves da Silva, relatam suas trajetórias desde o antigo Lixão da Estrutural até os atuais galpões de cooperativas, destacando avanços, desafios e o futuro da categoria.



“Ser tratada como trabalhadora e saber que somos necessários para a população.”

Marilene

Marilene, casada e mãe de 13 filhos, dos quais cinco estão vivos, trabalha como catadora desde 2007, quando começou no Lixão da Estrutural. Sem outras fontes de renda, encontrou na catação a única forma de sustentar a família.

Com o surgimento das cooperativas, o trabalho dos catadores passou a ocorrer em ambientes cobertos, com mais segurança e condições mínimas para o exercício da atividade, representando um avanço em relação às situações anteriores de maior exposição e precariedade.

Entretanto, a renda diminuiu: “Hoje temos cobertura e estrutura, mas infelizmente o salário caiu.”. Para Marilene, dignidade significa reconhecimento: “Ser tratada como trabalhadora e saber que somos necessários para a população.”

“Chegava cedo (no lixão). Era sofrido, catando material embaixo de sol e chuva. Era sol, chuva e sofrimento”

Marilene

Nossa segunda história é marcada por tragédia e violência. Francisco Eliézio é casado e pai de dois filhos, começou no lixão em 1994. Sem trabalho, viu naquele espaço sua única alternativa para sustentar a família. Ele descreve o período como extremamente perigoso: “Era bagunçado. Homens armados, animais mortos, não tinha separação. Morria muita gente.”

Nossa segunda história é marcada por tragédia e violência. Francisco Eliézio é casado e pai de dois filhos, começou no lixão em 1994. Sem trabalho, viu naquele espaço sua única alternativa para sustentar a família. Ele descreve o período como extremamente perigoso: “Era bagunçado. Homens armados, animais mortos, não tinha separação. Morria muita gente.”

“Era bagunçado. Homens armados, animais mortos, não tinha separação. Morria muita gente.”

Eliézio

Uma tragédia marcou sua vida: sua esposa, que também trabalhava no lixão, teve a perna esmagada quando a caçamba de um caminhão tombou. Ela precisou amputar o membro. Francisco trabalhou muitos anos por conta própria, vendendo para atravessadores. Com a criação dos galpões e cooperativas, sua realidade mudou. Agora há banheiros, refeitório, cobertura e INSS recolhido em dia.



Sobre o futuro, ele é simples e direto: **“Melhorou muito. O que eu desejo é saúde para mim e para todos os catadores.”**

Eliézio

Ronei Alves da Silva, de catador aos 12 anos a advogado e líder do cooperativismo, mostra uma história marcante. Ronei começou a catar com apenas 12 anos de idade, ao lado da mãe, dona Luiza. Trabalhador desde cedo, ele atuou na cooperativa 100 Dimensão, dirigiu caminhão e participou do Fórum Lixo e Cidadania. Foi lá que descobriu o cooperativismo e sua importância para a categoria.

A criação da Centcoop e a luta por estrutura

Em 2006, tornou-se sócio fundador da Centcoop (Central das Cooperativas de Catadores do DF e Entorno), junto a outras quatro cooperativas. Mais tarde, exerceu a presidência por dois mandatos (2009–2015).

“Sem os catadores, os problemas ambientais seriam muito maiores. Precisamos de reconhecimento e estrutura.”

Ronei



Ronei relata que a Centcoop foi essencial para libertar os catadores dos atravessadores e garantir autonomia: “Queríamos uma central para não depender de atravessadores. Foi uma luta difícil conquistar o terreno onde funciona o complexo atual.”

A Centcoop contou com apoio de diversas instituições, como a Fundação Banco do Brasil, Unitrabalho, Cáritas e universidades.

Ronei vivenciou um processo de superação educacional impressionante. Por causa do TDAH, passou 28 anos sem retornar ao estudo. Só descobriu a dificuldade ao participar de reuniões com outras organizações sociais, pois percebeu que nada sabia. Hoje, é advogado registrado na OAB e segue estudando para concursos. Ele defende a importância da formação continuada e elogia iniciativas como a UNICATA.

“O cooperativismo é a maior ferramenta de inclusão e superação.”

Ronei

Segundo ele, apesar dos avanços, ainda existem desafios graves:

- Desvalorização dos materiais por causa da importação de resíduos
- Falta de pagamento adequado pelo governo
- Pouco repasse de recursos da limpeza pública às cooperativas
- Dependência excessiva da venda de material reciclável



A Centcoop contou com apoio de diversas instituições, como a Fundação Banco do Brasil, Unitrabalho, Cáritas e universidades.

Os catadores continuam sendo pilares invisíveis da sustentabilidade do Distrito Federal e não pedem luxo: apenas trabalho digno, saúde, estrutura e o respeito que sempre mereceram.

Plástico triado (PEAD), mais conhecido como mangaba entre os catadores
Foto: Thaynan Moraes

A história do Aterro do Jóquei evidencia, portanto, os profundos desafios na implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, mesmo na capital do país. Superar a era dos lixões é apenas a primeira etapa. O caminho sustentável exige que o poder público avance em políticas que garantam segurança, regularização e dignidade aos catadores e a todos os trabalhadores da cadeia de resíduos. Paralelamente, é urgente investir em educação ambiental e na conscientização da população para a correta separação dos materiais recicláveis. Só assim será possível transformar o legado de passivos ambientais e sociais em um ciclo verdadeiramente sustentável de consumo e descarte, onde o fim de um lixão histórico seja o começo de uma gestão de resíduos inclusiva e eficaz.



Lixão da Estrutural em atividade em 2017. Foto por Hayssa Ramos.

Inaugurado para substituir o histórico e problemático Lixão da Estrutural, o Aterro Sanitário de Samambaia representa a peça central da política de destinação final de resíduos sólidos no Distrito Federal. Sua função principal é garantir uma destinação ambientalmente adequada para os rejeitos — aquilo que não pode ser reaproveitado ou reciclado —, mitigando os graves impactos à saúde pública e ao meio ambiente associados aos lixões a céu aberto.

Considerado uma das melhores alternativas técnicas disponíveis, o aterro sanitário é a etapa final de uma cadeia que prioriza, por lei, a redução na geração, a reutilização e a reciclagem dos materiais. Quando essas possibilidades se esgotam, o aterro entra em cena como solução controlada, sob a gestão e responsabilidade do Serviço de Limpeza Urbana (SLU)



**Universidade
de e para
Catadoras e Catadores**

✉ unicata.catadores@gmail.com

🌐 www.unicata.com.br

📷 [@unicata_brasil](https://www.instagram.com/unicata_brasil)